

Periodicidade: Diária

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 80000

Temática: Saúde

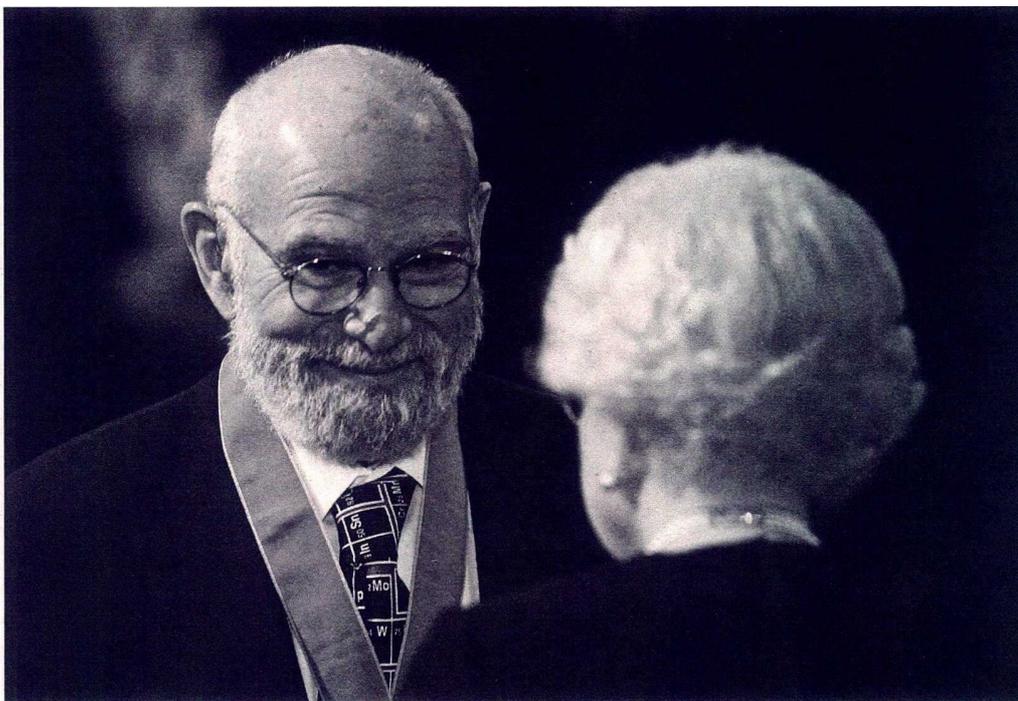
Dimensão: 636

Imagem: S/Cor

Página (s): 56



Oliver Sacks era conhecido como um especialista no cérebro humano, mas também como um mestre na arte de contar histórias. Aliou tão bem as duas facetas ao ponto de ter sido aclamado poeta da medicina moderna



Leticia Wpydz/AP

Oliver Sacks. Morreu o “poeta da medicina”

O autor da obra “Despertares” morreu ontem na casa, em Nova Iorque. Tinha 82 anos

MELISSA LOPES

melissa.lopes@ionline.pt

Depois de nove anos a lutar contra um cancro ocular que o deixara cego de um olho, Oliver Sacks morreu ontem na sua casa, em Nova Iorque. Em Fevereiro já tinha anunciado, num artigo no “New York Times”, que tinha um tumor, do qual até julgava estar curado, mas que afinal tinha formado metástases no fígado. As esperanças de cura tinham então terminado, restando-lhe apenas viver os últimos meses de forma “intensa”, como disse que era seu desejo.

Oliver Sacks, nascido em Londres em 1933, não se limitou a dedicar toda a sua vida ao estudo do cérebro. Com elevada notoriedade na comunidade científica, o neurologista ganhou prestígio também

enquanto escritor, ficando conhecido do grande público como o “poeta da medicina moderna”. Escreveu a conhecida obra “Despertares” (1973), sobre um grupo de doentes com casos raros de encefalite.

No livro, os doentes aparecem “congelados no tempo”, desde os anos 20, como se de estátuas se tratassem, devido a uma misteriosa epidemia de “encefalite letárgica”, e esquecidos num hospício. Sacks fê-los literalmente acordar, quatro décadas depois, quando teve a ideia de lhes administrar um então novo medicamento contra a doença de Parkinson, a L-Dopa. A sua obra teve mais de um milhão de cópias nos Estados Unidos e foi, em 1990, adaptada ao cinema com as interpretações dos actores Robin Williams e Robert De Niro.

“O Homem Que Confundiu a Mulher

com um Chapéu”, publicada em 1983, é outra das obras mais conhecidas de Sacks. Nela faz dos relatos clínicos verdadeiros artefactos literários, ao contar a forma como os seus doentes viam o mundo e como conseguiam construir uma identidade ultrapassando as adversidades impostas pelo cérebro. Nos seus livros tentava explicar aos leitores doenças neurológicas como a esquizofrenia, Alzheimer e Parkinson, e síndromes como a de Tourette ou de Asperger, o que lhe deu grande reconhecimento público – o escritor recebia mais de 10 mil cartas por ano.

No texto onde anunciava o seu estado terminal, Oliver Sacks dirigiu-se aos leitores afirmando: “Devo decidir como viver os meses que me restam. Tenho de vivê-los da maneira mais rica, intensa e produtiva que conseguir.” O neurologista contava ainda que se sentia bem e em boa forma física. Aos 81 anos ainda nadava todos os dias uma milha (pouco mais de um quilómetro e meio). “Mas a minha sorte acabou: soube há poucas semanas que tenho múltiplas metástases no fígado”, escreveu o escritor. Dizia que não podia fingir que não sentia medo perante os factos. Ainda assim, “o sentimento que prevalece em mim é a gratidão”, reconheceu Sacks.

“Amei e fui amado; dei muita coisa e recebi sempre qualquer coisa em troca; li, viajei, pensei e escrevi; tive uma relação com o mundo, uma relação especial com escritores e leitores. Mas, acima de tudo, fui um ser senciante e pensador deste planeta maravilhoso. E isso foi um enorme privilégio e uma grande aventura”, finalizou então Oliver Sacks.